

A BIBLIOTECA COMO ESPAÇO DE EDUCAÇÃO: O LETRAMENTO DE JOVENS E ADULTOS – PROJETO “ALFABETIZAR PARA LIBERTAR”

Camila de Cássia Brito¹
Karley dos Reis Ribeiro²
Joana D'Arc de Vasconcelos Neves³

RESUMO

O presente estudo se constrói numa realidade amazônica marajoara, partindo da realização do Projeto de extensão “Alfabetizar para Libertar”, da Biblioteca Professor Ricardo Teixeira de Barros, do Campus Universitário do Marajó – Soure (UFPA), que propôs desenvolver a leitura como ação alfabetizadora para Jovens e Adultos afastados do cotidiano escolar. A leitura pode ser compreendida como técnica de aperfeiçoamento da capacidade cognitiva do indivíduo, sendo trabalhada com base na cultura, cotidiano, memórias e vivências e experiências individuais e coletivas. Teoricamente, este estudo se baseia nas ideias de Freire (1987,1989,1996,1997); Schwartz (2010); Leal; Albuquerque e Morais (2010), Giubilei (2005); Leite (2013) e Gadotti; Romão (2011). Por conseguinte, utilizam-se como técnicas de coleta de dados o questionário e a observação caracterizando este estudo como pesquisa-ação. Os resultados identificam que dos 27 participantes do projeto, 25 destes aperfeiçoaram seus conhecimentos de leitura aliada a prática da escrita e 2 daqueles, aprenderam a ler e a escrever. Toda ação praticada em prol da comunidade possui suma importância para o campo científico educacional como um todo e projetos de extensão em espaços educativos diferenciados, são bem vindos como prática de integração da Universidade com a comunidade acadêmica e externa proporcionando experiências significativas na vida desses indivíduos.

Palavras-chave: Alfabetização. Jovens e adultos. Biblioteca – leitura. Projetos de extensão.

THE LIBRARY AS A SPACE FOR EDUCATION: THE LETTERING OF YOUTH AND ADULTS - “LITERACY TO RELEASE” PROJECT

ABSTRACT

The current study was carried in the Marajoara Amazon, starting from the realization of the extension project “Literate to free”, from the Professor Ricardo Teixeira de Barros Library, from Marajó University Campus - Soure (UFPA), which proposed to develop reading as a literacy action for Young people and adults away from school life. Reading can be understood as a technique for improving the individual cognitive capacity, being worked based on culture, daily life, memories and experiences and individual and collective experiences. Theoretically, this study is based on the ideas of Freire (1987,1989,1996,1997); Schwartz (2010); Loyal; Albuquerque and Morais (2010), Giubilei (2005); Leite (2013) and Gadotti; Romão (2011). Thus, questionnaire and observation were used as data collection techniques. Study is characterized as action research. The results showed that of the 27 participants in the project, 25 of them improved the practice of reading combined with the practice of

¹ Mestranda – PPLSA (UFPA - 2019). Especialista em Gestão de Unidades de Informação (IPGC – 2017). Graduada em Biblioteconomia (UFPA – 2013). Bibliotecária – Documentalista (UFPA – Biblioteca Central) Help Desk do Portal de Periódicos da Capes - Região Norte. E-mail: camilacbrito@ufpa.br.

² Mestrando – PPLSA (UFPA - 2019). Especialista em Tradução e interpretação do Inglês (FIBRA - 2015) Graduado em Pedagogia (FAEL - 2019). Graduado em Letras (UFPA-2012). Professor de Língua inglesa da Secretaria Municipal de Educação do Município de Salvaterra (Marajó – PA) e Coordenador do Curso de Idiomas na Marajó English School (MES). E-mail: karley@ufpa.br.

³ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Pará. Docente do Programa de Pós-Graduação Linguagens e Saberes da Amazônia e professora Adjunta da Universidade Federal do Pará Campus de Bragança-Pa. É membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. Coordena o Grupo de Pesquisa de Educação de Jovens e Adultos e Diversidade na Amazônia. E-mail:jdneves@ufpa.br.

writing and 2 of those, learned to read and write. Every action taken in favor of the community is extremely important for the educational scientific field as a whole and extension projects in different educational spaces are welcome as a practice of integration between the University and the academic and external community, providing significant experiences in the lives of these individuals.

Keywords: Literacy. Youth and adults. Library - reading. Extension projects.

Data de submissão: 29.09.2020

Data de aprovação: 08.03.202

INTRODUÇÃO

Alfabetizar jovens e adultos não é apenas ensiná-los a escrever o seu próprio nome, sobretudo é oportunizar uma educação de qualidade na qual permita diminuir os índices de desigualdades no país. É o ato de formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes e capazes de receber tudo que uma boa escrita e leitura podem lhe proporcionar. Como nos diz Freire (1997, p. 20) “[...] o ato de estudar implica sempre o de ler mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita”. Desta forma, alfabetizar “não deve ser puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto” (FREIRE, 1997, p. 20).

Entretanto, a complexidade do conceito de Educação, oferece diferentes embates no que tange ser direito do cidadão e obrigatoriedade do Estado em servi-lo, diante de tantas dificuldades do país e insucessos em sua implementação nas mais diversas formas que não somente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) (LEITE, 2013). Sendo assim, alfabetizar ainda continua sendo um dos principais e mais fortes problemas que os países enfrentam, embora apresente pequenos índices de queda passando de 6,8%, em 2018, para 6,6%, em 2019 (PNAD 2020), há de considerar para além do fato que ainda tem 11 milhões de analfabetos no Brasil, essas taxas são ilusoriamente camufladas com índice dos alfabetizados funcionais⁴, ou seja, aqueles que aprenderam a escrever seu nome, mas sem a compreensão de escrita e de leitura, o que significa que esses números são bem maiores.

Gadotti; Romão (2011) abordam diferentes legislações (LDB's, CCN's Diretrizes de Educação etc.), na intenção de compreender o papel e funcionamento da EJA e como o déficit existente da mesma, trouxe aos mais diversos indivíduos, a negação da educação pelo próprio Estado em situações diferentes de suas vidas, fazendo com que estes mesmos indivíduos precisassem se evadir do ensino regular para que de certa maneira pudessem construir um futuro por meio do trabalho. Considerando o déficit educacional brasileiro, ressalta-se que o próprio sistema de levantamento realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - do número de pessoas alfabetizados, ou seja, pessoas quem sabe ler e escrever, têm sido questionados a relação aos métodos para avaliar a capacidade de compreensão de leitura e escrita. Estudiosos como Sousa *et al* (2016), percebem e denunciam que apesar do acesso à educação ter crescido no final do século passado e início deste século, e, que na Amazônia Legal⁵ o analfabetismo tenha caído, o analfabetismo funcional continua elevado.

⁴ A ampla disseminação do termo analfabetismo funcional em âmbito mundial deveu-se basicamente à ação da Unesco, que adotou o termo na definição de alfabetização que propôs, em 1978, visando padronizar as estatísticas educacionais e influenciar as políticas educativas dos países-membros. Os indivíduos chamados de analfabetos funcionais são aqueles que reconhecem as letras e os números, no entanto, não compreendem textos, não conseguem captar as ideias centrais e explicar o conteúdo daquilo que foi lido, são também os indivíduos que não conseguem realizar operações matemáticas, sejam elas mais simples ou elaboradas.

⁵ O conceito de Amazônia Legal foi instituído pelo governo brasileiro como forma de planejar e promover o desenvolvimento social e econômico dos estados da região amazônica, que historicamente compartilham os mesmos desafios econômicos, políticos e sociais.

As desigualdades regionais na área da educação, marcadas pela falta de formação dos professores da rede básica, de pouca estrutura escolar, falta ou má uso dos recursos para a implementação de políticas públicas que viabilizem o acesso, infraestrutura e demais condições para que a população receba educação, refletem os limites para superar os desafios que o País e os Estados, em particular do nordeste e norte, enfrentaram e ainda enfrentam para alcançar as metas de redução do analfabetismo durante o século XX e, agora nas duas décadas do séculos XXI, como podemos observar no Infográfico 1 os estados da região nordeste e norte apresentam os maiores índices de analfabetos do país:

Infográfico 1 – Taxa de analfabetismo nos Estados Brasileiros

	ESTADO	TAXA EM 2018%
1º	Alagoas	17,2
2º	Piauí	16,6
3º	Maranhão	16,3
4º	Paraíba	16,1
5º	Sergipe	13,9
6º	Ceará	13,3
7º	Rio Grande do Norte	12,9
8º	Bahia	12,7
9º	Acre	12,1
10º	Pernambuco	11,9
11º	Tocantins	10
12º	Pará	8,8
13º	Mato Grosso	7,1
14º	Rondônia	6,5
15º	Amapá	6,1
16º	Roraima	6
17º	Minas Gerais	5,8
18º	Amazonas	5,8
19º	Goiás	5,7
20º	Espírito Santo	5,5
21º	Paraná	5
22º	Mato Grosso do Sul	5
23º	Distrito Federal	3,1
24º	Rio Grande do Sul	3
25º	São Paulo	2,6
26º	Santa Catarina	2,5
27º	Rio de Janeiro	2,4

Fonte: Gazeta do Povo, 2019.

Nesse cenário, é importante considerar que as dificuldades encontradas no desenvolvimento educacional brasileiro refletem as adversidades das regiões em relação a educação como o todo, refletido nos altos índices de analfabetismo das regiões Norte e Nordeste. Os dados do IBGE (2019) revelam uma maior concentração de analfabetos entre pessoas com 60 anos ou mais, 20,4% das pessoas, chegando a um impressionante número de 6 milhões de pessoas. Entretanto, os índices de analfabetismo nas outras faixas etárias, assim como, diagnóstico que consideram como parâmetro a raça, cor e gênero revelam índices de exclusão dispares, dentro destas, regiões.

Os resultados do módulo de Educação da Pesquisa Anual por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua) revelam que houve melhora em praticamente todos os indicadores educacionais do Brasil, entre 2016 e 2018, porém persistem as desigualdades regionais, de gênero e de cor e raça: mulheres permanecem mais escolarizadas do que os homens, pessoas brancas tiveram indicadores educacionais melhores que os das pessoas pretas ou pardas e, as regiões Nordeste e Norte

apresentaram uma taxa de analfabetismo bem mais alta e uma média de anos de estudo inferior a das regiões do Centro-Sul do país. (IBGE, 2019).

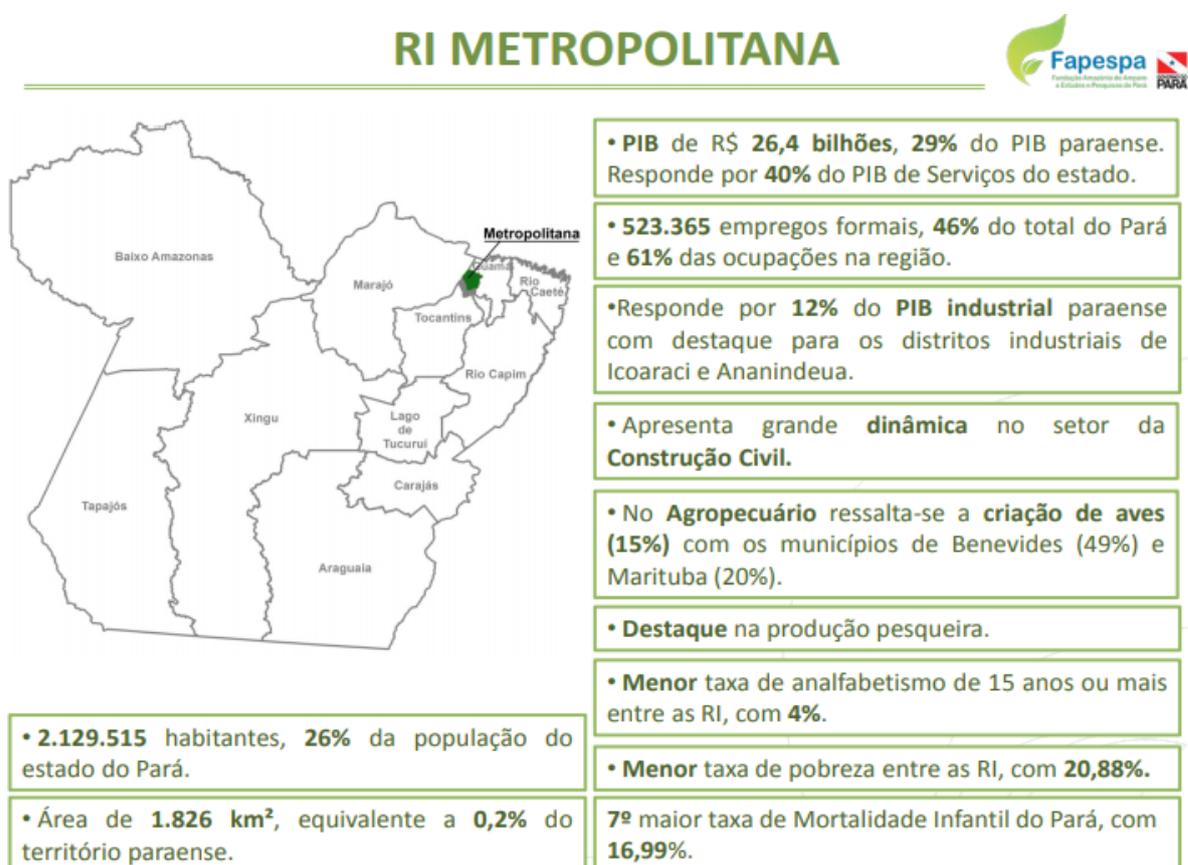
Essa diferença em relação aos números de pessoas analfabetas e ou com baixa escolaridade (alfabetizados funcionais) ocorre em maior densidade em comunidades que apresentam altos índices de pobreza, de desemprego e dificuldades de acesso à escola. Territórios reconhecidamente marcados por uma forte cultura da oralidade, naturalizando segundo Pereira (2014) o analfabetismo assim como outros inúmeros processos de exclusão,

Esta gente analfabeta sabe muita história oral e não poucos têm viva memória e sabedoria criativa. Contavam pelas portas do mercado, no bar do emérito, casa da beira, no trapiche ou canoas à espera de maré, muitos casos do estúrdio *apartheid* que "normaliza" tontas discriminações, dizendo -- em falso -- que deus fez o mundo deste jeito desde os começos do tempo [...] (PEREIRA,2014).

Realidades de muitos territórios da Amazônia Paraense, em que os mais velhos repassam seus conhecimentos a seus descendentes pelo falar. Curandeiros, benzedoiras, mestres de carimbó, pajés, são alguns dessas personagens que em sua grande maioria já idosos não tiveram oportunidade de estudar, e exatamente por isso se utilizam da oralidade para o repasse de informações.

Segundo os dados apresentados no Relatório Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Região de Integração do Marajó (FAPESPA, 2019) a região do Marajó, apresenta os maiores índices de vulnerabilidade social do Estado, ou seja, apenas 2% do PIB paraense, 2% dos empregos formais, maior taxa de analfabetismo e pobreza do estado e 3ª maior taxa de mortalidade infantil.

Figura 1 - Região Integrada do Marajó



Fonte: FAPESPA, 2019.

O arquipélago do Marajó localizado no norte do Pará compõe importante o cenário estratégico da região amazônica desde os tempos coloniais entre os europeus, sociedades indígenas e africanas (PACHECO, 2009). A região marajoara possui uma área estimada em 50 mil km². No Marajó Oriental encontram-se os limites marítimos com as águas do oceano Atlântico, dispondo de uma rica diversidade cultural e natural que envolve a vida da população local formada por praias, manguezais, várzeas, campos, rios e florestas tanto no interior do arquipélago quanto na parte próxima à águas salgadas do oceano. Trata-se da região, como visualizamos no iconográfico acima, com a maior taxa de analfabetismo no Estado do Pará, com taxa de empregos formais e do PIB (Produto Interno Bruto) em torno de 2% considerando as demais regiões do estado.

Diante deste contexto, a ideia de atrelar a leitura na aprendizagem de jovens e adultos, passa a configurar como uma necessidade pulsante dentro da Universidade Federal do Pará – UFPA⁶, Campus de Soure, localizado no arquipélago do Marajó, mais especificamente no Município de Soure com distância da capital Belém, de 80 km, sendo acessível apenas por vias áreas e marítimas e com população de aproximadamente 25 mil habitantes.

Neste cenário, e do compromisso social da UFPA⁷, maior Universidade da região norte, em quantitativo de alunos e de projetos de ensino e extensão, o principal questionamento era: como trazer essa população, uma comunidade externa, não alfabetizada ou de baixa escolaridade com alfabetização funcional, para dentro da Universidade? Diante desse questionamento nasce o Projeto “Alfabetizar para Libertar” fruto da necessidade da UFPA-Campus Soure, em se aproximar da comunidade, por meio da Biblioteca. Um projeto que traz em seu nome a concepção do nosso principal incentivador na construção dessa ação, Paulo Freire que defende em seus construtos teóricos a Tese da educação como prática para liberdade.

Assim, a pesquisa em questão, trata da experiência vivida na biblioteca do Campus Universitário do Marajó, sobre aquisição da leitura e mudanças ocorridas nas vidas dos adultos que participaram do projeto de Alfabetizar para Libertar, assumindo desta forma, as características básicas que definem os estudos da pesquisa ação: Identificação de um problema, intervenções na tentativa de solucioná-lo e, ainda, envolvendo participantes e pesquisadores num objetivo comum (THIOLLENT, 1985).

Desta forma, o presente artigo, tem o objetivo apresentar os resultados das experiências de leitura de jovens e adultos promovido pelo campus do Marajó, evidenciando a Biblioteca como um espaço diferenciado de educação e interação entre a Universidade e a Comunidade.

Para tanto, dividimos este artigo em seis seções, trazendo logo após a Introdução, na segunda seção, apresentamos o Percorso Metodológico a partir do panorama educativo que a Biblioteca possui; a terceira seção foi escolhida para que pudéssemos alcançar nossos objetivos

⁶ A UFPA, então, passou a desenvolver um modelo de Universidade Multicampi, que visasse um sistema de cooperação e compromisso entre todos os campi, da capital e do interior, pautados pelo diálogo, pela discussão e pelo princípio da universalidade. Hoje é a única universidade federal que se estrutura em 10 campi do interior Abaetetuba, Altamira, Bragança, Breves, Cametá, Capanema, Castanhal, Marabá, Soure, Tucuruí – demonstrando a importância de seu papel perante a região amazônica e sua capacidade de ser um agente de transformação social, se configurando como a universidade com maior inserção social dentre todas as Instituições de Ensino Superior e com o maior número de alunos de graduação.

⁷ Quando se trata do compromisso social da Universidade Nogueira (2000, p. 63 *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 2) ressalta que as Universidades devem “induzir programas e projetos que visem enfrentar os problemas específicos produzidos pela situação da exclusão”. Partindo desse propósito, compreende-se que a Universidade, especialmente a pública, tem a responsabilidade de aliar educação e cultura, e contribuir para o fortalecimento da cidadania. Para Tavares (1997), a extensão universitária aparece para uma pequena fração da comunidade acadêmica como a possibilidade de dar suporte a um novo paradigma de produção de conhecimento no âmbito da Universidade, tendo uma relação próxima com a sociedade em um processo de troca e complementaridade, constituindo um objeto catalisador das bases sociais.

a partir do Projeto como cenário de estudo. A seguir, na quarta seção, delineamos o desenvolvimento do projeto já fazendo a nossa análise do mesmo caminhando para nossa quinta seção, apresentando uma discussão acerca do papel da Biblioteca como espaço singular de educação através dos resultados do projeto estudado. Finalizando desta maneira, com nossas considerações finais acerca desse estudo e suas discussões.

1 BIBLIOTECA: CONSTRUINDO LEITORES A PARTIR DE SUAS ESTANTES...

“Sempre imaginei que o paraíso fosse uma espécie de biblioteca”.
(Jorge Luís Borges)

A necessidade de projetos que visem a leitura se tornou cada vez mais importante no Campus de Soure –UFPA. Assim, alfabetizar jovens e adultos se configurou um dos objetivos da Biblioteca Professor Ricardo Teixeira de Barros, com o intuito de reafirmar o papel da UFPA com a comunidade, mais também destacar a importância da biblioteca dentro da instituição como um local de produção de conhecimentos, mais principalmente como um espaço diferenciado de educação.

Como departamento detentor do conhecimento produzido nacionalmente, o que é patrimônio da humanidade, enquanto setor, a biblioteca precisa dar continuidade a exploração da curiosidade dos alunos, abrir-lhes uma janela para o conhecimento, para o mundo de percepções, informações, opiniões (D’ACAMPORA, 2012, p. 4).

Desta forma, sendo a Universidade um ambiente peculiar de conhecimento e aprendizado parte-se da compreensão de que a biblioteca do Campus de Soure poderia e deve ampliar seus serviços alcançando públicos diversos que não somente como cita D’ Acampora, seus docentes, discentes e pesquisadores, mas oportunizar o acesso à informação para a comunidade ao seu redor. Sendo um espaço peculiar de aprendizagem, deve ser pensada como um *locus* estratégico de ações desenvolvidas no âmbito da Universidade, estendendo estas ações à comunidade.

Nesta perspectiva a biblioteca se dispõe a ser o meio pelo qual a Universidade se aproxima da Comunidade por meio de projetos extensionistas, que por si só, já possuem o papel de fazer a comunidade não acadêmica a sentir-se parte da construção de conhecimento dentro da academia. Ressalta-se que os projetos de extensão são aqueles que ampliam as ações universitárias para além das salas de aulas, ou seja, fazem a articulação do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a Universidade está inserida interagindo e tentando transformar a realidade social possuindo caráter educativo e retornável à comunidade sendo uma das funções sociais da Universidade como objetivo de promover o desenvolvimento social.

Não diferente da Universidade, a biblioteca também traz para si esse papel social incorporando a capacidade de se solidarizar com os grupos socialmente excluídos, os conhecimentos historicamente produzidos. Ela passa a ter uma função educativa, pois a informação passou a ser um bem acumulável e valorável (MILANESI, 1983) assim segundo o autor, “o homem que possuía informação valia por dois homens”. Desta forma, quando apresentamos aqui a Biblioteca queremos salientar que não a compreendemos como um depósito de livros, muito menos como um espaço “morto” onde se deve imperar o silêncio. Assumimos a compreensão da biblioteca como espaço de construção, de desconstrução e de encontro de conhecimentos, possuindo vida entre suas estantes e obras. E é nessa visão que elucidamos o seu papel social à comunidade por meio de um projeto de extensão desenvolvido com um público bem diferente do que já estava acostumado a atender e oferecer seus serviços.

Nessa perspectiva, trazemos autores que debatem as dimensões da leitura como instrumento de aprendizagem e de formação de opinião. Podemos começar essa discussão com

um maravilhoso trecho de Carlos Drummond de Andrade, da sua obra *A Rosa do Povo*⁸. (1943-1945) em que ele escreve poesias acerca da época sombria que o país vivenciava, poetizando a leitura desta forma: “A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas por incrível que pareça, a quase totalidade, não sente esta sede” (ANDRADE, 2012).

Dando seguimento, Freire (1989, p. 9) destaca que a compreensão crítica do ato de ler, não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Estabelecendo desta forma uma relação dinâmica entre a linguagem e a realidade. Corroborando a importância da leitura e da escrita, Bamberger (1995, p.9) explica que:

A pesquisa sobre a leitura [...] projetou uma luz sobre o seu significado, não só em relação às necessidades da sociedade, mas também às do indivíduo. O direito de ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais e espirituais, o de aprender e progredir.

Isto implica em dizer que a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica na percepção das relações entre o texto e o contexto, enquanto ato de conhecimento, um ato criador, em que, ao ler o mundo, cobre de significações o universo do escrito, ampliando as possibilidades de se construir outras relações com o mundo. Desta maneira, podemos entender que a leitura favorece a remoção das barreiras sociais, concede oportunidades mais justas de educação.

Ressalta-se que para Paulo Freire (1987) o analfabetismo é produto de estruturas sociais desiguais e, portanto, efeito e não causa da pobreza. Neste sentido os processos educativos operam no sentido de transformar a realidade, e conseqüentemente, a alfabetização é uma ferramenta propícia ao exame crítico e à superação dos problemas que afetavam as pessoas e comunidades. Para tanto, os processos educativos devem compreender as relações e posições dos sujeitos na sociedade, no caso da educação e, a alfabetização deve superar processos mecanizados de aquisição de letras e, se configurar em um espaço de trocas de experiências, pensamentos, culturas etc.

Nesta direção Souza (2017, p. 10), destaca que quando se emprega a leitura como instrumento de aprendizado, é possível que experiências e vivências sejam trocadas construindo novos conhecimentos a partir das trocas como afirma Souza.

Assim sendo, é possível dizer que cada sujeito constrói sua experiência com a leitura em uma via de mão dupla: um movimento de dentro para fora e de fora para dentro guiado pela subjetividade – enlaçados pelo outro que lhe transmite não apenas traços do ato de ler, mas aquilo que fundamenta o sentido do próprio ato.

Assim, saber ler e escrever representa um acontecimento social importante na vida de um indivíduo, pois este, ao utilizar a leitura e da escrita, acessa os direitos estabelecidos em lei, inclusive a própria educação. “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição” (BRASIL, 1988, p. 4).

A educação é a forma pela qual o homem acredita fazer parte da sociedade em que vive e serve para libertar e não aprisionar através da convivência e do diálogo. Freire (1989, p. 9) enaltece que “Alfabetizar é conscientizar. [...] Alfabetizar-se é aprender a ler essa palavra escrita

⁸A Rosa do Povo é um livro de poesias, brasileiro, escrito pelo modernista Carlos Drummond de Andrade entre 1943 e 1945, possuindo novas edições ao longo dos anos. É a mais extensa obra do autor sendo composta por 55 poemas, também sendo a primeira obra madura e a de maior expressão do lirismo social e modernista. A obra é considerada como uma tradução de uma época sombria, que reflete um tempo, não só individual, mas coletivo no país e no mundo onde o autor capta o sentimento, as dores, e a agonia de seu tempo. No título A Rosa do Povo, a rosa representa a poesia (expressão), das pessoas daquela época.

em que a cultura se diz, e dizendo-se criticamente, deixa de ser repetição intemporal do que passou [...]”. O processo de alfabetização ocorre de forma diferente em cada indivíduo e cada um alcança determinado nível de acordo com a sua capacidade cognitiva de aprendizagem. Sobre essa perspectiva, Jolibert (1994, p. 12) salienta que:

É na medida em que se vive num meio sobre o qual é possível agir, no qual é possível, com os outros, discutir, decidir, realizar, avaliar, que são criadas as condições mais favoráveis ao aprendizado. Todos os aprendizados, não só o da leitura. E isso vale para todos, inclusive para os adultos.

Aprender vai além dos exercícios de decorar textos, ou de apenas realizar provas e ouvir a fala do professor. Mas discutir, relacionar o cotidiano com o seu aprendizado, inserir sua cultura como forma de representação de educação, (re) significar suas experiências e costumes para compor um aprendizado com novas abordagens que instiguem aos alunos a curiosidade e a vontade de aprender gradativamente fazendo parte de um coletivo.

É diante desse contexto educacional aqui exposto que trazemos a Biblioteca como um espaço diferenciado de aprendizado para adultos, utilizando da sua maior ferramenta: a leitura. Por meio das ideias de Giubilei (2005), podemos considerar a Biblioteca como um espaço de afetividade e de construção de conhecimento por meio da prática pedagógica que atravessa a sala de aula e transporta a seus alunos novos meios de aprendizagem, com a intenção de fazer aparecer outros aspectos de uma biblioteca que não somente local como “deposito de livros”. Partindo desse princípio, a criação do projeto “Alfabetizar para Libertar” surgiu como respostas tanto para trazer a comunidade do entorno à Universidade, quanto estimulá-la a usufruir do acervo da biblioteca. Basicamente foi uma relação de interação e de troca conjunta. Enquanto os alunos aprendiam por meio da leitura, o acervo estava sendo utilizado; a biblioteca estava sempre cheia de visitantes e a Universidade cumpria um dos seus principais papéis: disseminar de conhecimento através da extensão, levando em consideração as ideias de Mendonça e Silva (2002), quando trazem a importância de projetos de extensão, afirmando que:

[...] poucos são os que têm acesso direto aos conhecimentos gerados na universidade pública e que a extensão universitária é imprescindível para a democratização do acesso a esses conhecimentos, assim como para o redimensionamento da função social da própria universidade, principalmente se for pública. Ressaltam que uma das principais funções sociais da Universidade é a de contribuir na busca de soluções para os graves problemas sociais da população, formulando políticas públicas participativas e emancipadoras.

Desta forma, o próprio projeto de extensão uma ação da Universidade Federal do Pará, campus de Soure, articula a pesquisa ao ensino processo de alfabetização a comunidade que fica ao entorno da própria Universidade, atuando como formadora de cidadãos também do lado de fora de seus muros. Freire (1996, p. 15), finaliza este pensar à extensão em conjunto, quando nos diz que “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.

2 O PROJETO ALFABETIZAR PARA LIBERTAR

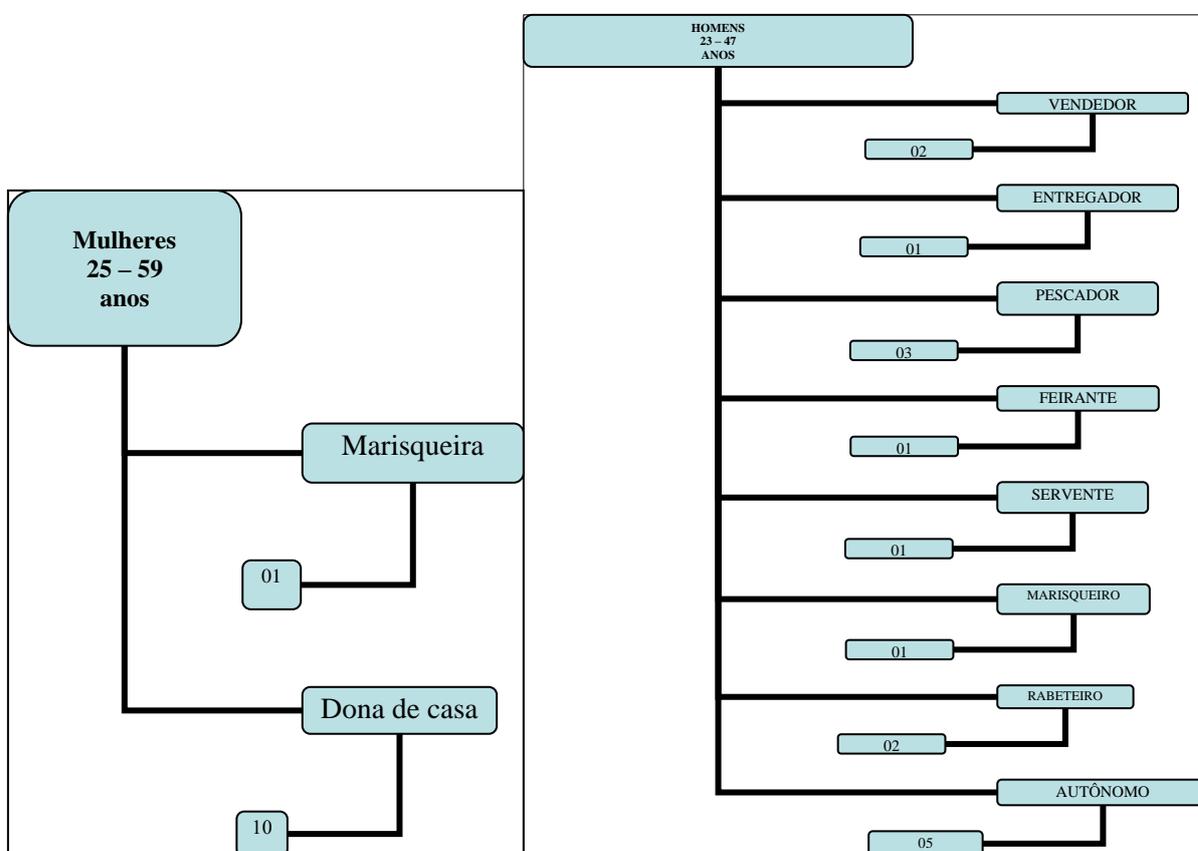
Para selecionarmos nosso grupo participante não somente do projeto em si mas desta pesquisa, construímos um questionário estruturado com perguntas simples e diretas tomando como base principal o nível educacional de cada entrevistado, construído a partir de perguntas simples como por exemplo, idade, profissão, tempo que estava afastado dos estudos em escola regular etc. O foco do questionário foi perguntar se havia interesse de retornar aos estudos tendo

como base a leitura e no caso de afirmação, informávamos como funcionava o projeto e quais objetivos do mesmo e fazíamos assim o convite. A princípio, estipulamos uma idade mínima de 18 anos como delimitação, considerando a juventude que abandona a escola cedo em prol de trabalho como auxílio financeiro familiar.

Aliamos a entrevista direta (questionário) com a pesquisa de campo, já que o projeto teve de ir ao encontro dos possíveis participantes, nas comunidades próximas à Universidade, com vulnerabilidade socioeconômica. Saímos em campo durante uma semana nas redondezas da Universidade Campus Soure, fortalecendo a ideia de extensão às comunidades do entorno do Campus.

Adiante, podemos visualizar no Infográfico 1 as informações gerais dos participantes nessa pesquisa, apresentando a diversidade de faixa etária e sexo dos mesmos.

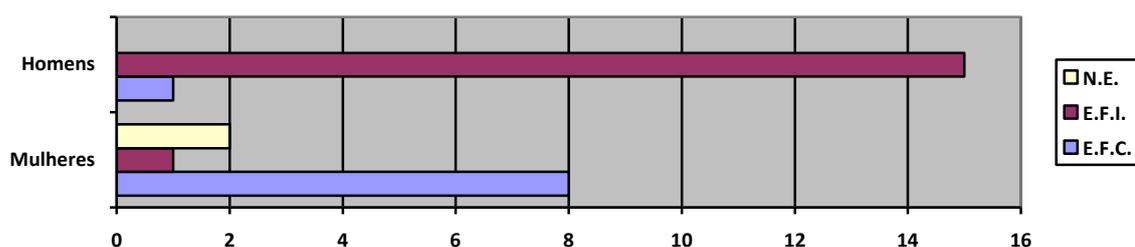
Infográfico 2- Faixa etária X Profissão dos participantes



Fonte: Autores, 2020.

Para análise seleção dos participantes, utilizamos como base as entrevistas individuais realizadas na pesquisa de campo, onde foi possível identificar, o nível de escolaridade e o nível de leitura e escrita dos participantes. Esse processo nos possibilitou selecionar 27 participantes. Podemos perceber a partir do Gráfico 1 que a maioria dos participantes possuem o Ensino Fundamental Incompleto, considerando também que a maioria são homens.

Gráfico 1 – Escolaridade



Fonte: Autores, 2020. N.E. Nunca Estudou. E.F.I. Ensino Fundamental Incompleto. E.F.C. Ensino Fundamental Completo.

Destes, 25 já se consideravam alfabetizados (sabiam ler e escrever), porém estavam a muitos anos fora do contexto escolar. E, 2 participantes eram totalmente analfabetos (não sabiam ler e nem escrever).

Apesar das diferenças, de idade, gênero e experiências, os participantes desse projeto, trouxeram na bagagem estudantil dificuldades de aprendizado na leitura e na escrita muito parecidas, pois como justificaram: a) não conseguiram aprender no período de vida escolar; b) estava muito tempo afastado da escola, ou ainda, c) não tiveram a oportunidade de estudar.

Para dar conta dessa demanda de pessoas que se propuseram a participar desta empreitada, formamos uma equipe de trabalho composta de oito pessoas, entre coordenação, bolsistas e voluntários. Fizemos crachás e camisas de identificação para que os participantes pudessem confiar na equipe e assim, nos aproximarmos mais confiança. Dividimos abaixo no **Quadro 2**, a equipe de trabalho para demonstrar que foi uma ideia coletiva que contou com diversas pessoas para que pudéssemos colocar em prática esta ação.

Quadro 2 – Perfil da Equipe de trabalho

CATEGORIA	IDADE	CURSO MATRICULADO
Funcionária	29	-----
Discente – voluntário	20	Letras – Língua Inglesa
	19	
	19	
	21	
	22	
	23	
	20	
Discente – bolsista	20	
Coordenação	27	-----

Fonte: Autores, 2020.

Vale ressaltar que a funcionária em questão, participou como voluntária, com o objetivo de adquirir experiência docente, já que cursava na época a graduação de Pedagogia, na Universidade do Estado do Pará (UEPA) localizada no município vizinho, Salvaterra. Os demais foram escolhidos com base no curso de Letras – Língua Inglesa pertencente ao Campus da UFPA, o qual se mostrava mais próximo das práticas educativas que queríamos desenvolver.

O projeto contou com o auxílio de 1 (uma) bolsa no valor de R\$ 400,00 custeada pela Pró Reitoria de Extensão da UFPA (PROEX). Considera-se importante ressaltar que além da bolsa de extensão, não havia nenhum outro tipo de financiamento por parte da Universidade para realização do Projeto. Este, contou apenas com a doação de materiais e uso de alguns já existentes do próprio Campus que foram cedidos pela Coordenação Geral do mesmo para nossa utilização, como por exemplo, equipamentos como data show, notebook etc.

3 DESENVOLVIMENTO DO PROJETO – EXECUÇÃO

Este projeto iniciou no dia 01 de agosto de 2017 e concluiu-se em 31 de julho de 2018 (12 meses). Os encontros ocorreram no turno da noite nos dias de terças, quartas e quintas - feira no horário de 19h às 21h. Como objetivo geral, o projeto visou à formação de leitores por meio do acervo disponível na Biblioteca com a intenção de aperfeiçoar a cognição crítica dos participantes e construir novos pensamentos de mundo por meio da leitura. Especificamente, também consideramos mostrar o valor que a leitura tem na sociedade auxiliando os participantes no desenvolvimento cognitivo salientando a importância do retorno a escola; possibilitamos o resgate da auto-estima do indivíduo a partir do momento em que ele é visto com habilidades para desenvolver a sua aprendizagem; consideramos opiniões diversas e valorizamos as diferentes formas de cultura e de pensamento; não mais, atendemos as demandas sociais da Comunidade externa à Universidade contribuindo para a sua formação social e profissional; contribuimos para a formação acadêmica e profissional dos discentes da Universidade em questão dando a oportunidade de adquirir técnicas de didática e prepará-los para a prática docente a partir da atuação destes como voluntários e por fim, evidenciamos o papel social da Biblioteca, na promoção da educação através de projetos de extensão que motivem a criação de semelhantes.

Vale ressaltar que as metodologias de ensino escolhidas, foram selecionadas pela equipe em conjunto, pretendendo valorizar as pessoas, experiências e vivências cotidianas, assim, tomando por base o que Freire (1996, p. 63) diz a respeito dessa valorização quando elucida que:

A resistência do professor, por exemplo, em respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, obviamente condicionada por sua cultura de classe e revelada em sua linguagem, também de classe, se constitui em um obstáculo à sua experiência de conhecimento.

O autor fala sobre respeitar a leitura de mundo de cada indivíduo, para que assim se possa delinear o ponto de partida. Desta maneira, para o desenvolvimento das aulas de leitura e outras atividades, nos baseamos em autores da área de ensino-aprendizagem de jovens e adultos como Schwartz (2010), Leal; Albuquerque; Morais (2010) que afirmam em diferentes colocações que a alfabetização consiste na ação de alfabetizar, de ensinar crianças, jovens ou adultos a ler e escrever.

No decorrer da realização dos encontros e atividades laborais de ensino-aprendizagem, investigamos como de fato os indivíduos conseguiam adquirir o conhecimento repassado. E para conseguir analisar essa dinâmica, utilizamos a observação participante, que é a tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de molde a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 194). Desta maneira, conseguimos compreender como o alfabetismo e o letramento contribuíram para a transformação social dos cidadãos participantes do projeto dentro do contexto educacional da Biblioteca.

Para a execução dos encontros e atividades complementares, se construiu um roteiro de ensino para que os professores / voluntários pudessem seguir de acordo com os objetivos do projeto. Podemos perceber no Quadro 3, que as atividades escolhidas tiveram caráter disciplinar de natureza simples para que facilitasse o entendimento de todos, considerando que alguns estavam fora da escola num período mínimo de 10 anos, enquanto outros nem sequer haviam tido a oportunidade de estudar. Para estes, as atividades foram aplicadas individualmente num sistema de monitoria individual já que não conseguiam acompanhar os demais no mesmo ritmo.

Quadro 3 – Roteiro de ensino

ATIVIDADES	DESCRIÇÃO
Rodas de conversas	Nesta fase o alfabetizador conhece o seu público alvo através de uma conversa onde o mesmo irá identificar a regionalidade dos alunos identificando quais frases, palavras, ditos ou expressões, os alunos mais utilizam para que assim se use destes meios para realizar outras atividades que integrem a cultura dos alunos.
Exercícios de Silabação	Realização da separação tradicional das sílabas das palavras, mostrando a família de cada sílaba para formação de outras palavras.
Criação de palavras novas	Formação de palavras novas a partir do conhecimento da família das sílabas.
Reconhecimento	Entender as palavras novas e conscientizar o jovem e o adulto dos problemas cotidianos e conhecimento da realidade social.
Alfabetização por meio do conto	Leitura e escrita dentro da regionalidade utilizando-se a cultura local.
Atividades práticas	Leitura e escrita através do ditado.
Exercícios de fixação	Conhecendo a pronúncia das palavras através de exercício de escrita e oralidade.

Fonte: Autores, 2020.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Abordamos aqui, que muitos dos nossos participantes tinham os mesmos discursos quando perguntado o motivo pelo qual abandonaram os estudos ou nunca foram a escola. E como não era de se espantar, no caso dos homens, estes tiveram que escolher entre o trabalho e a escola devido a situação financeira da família, optando pelo primeiro, e desta maneira perdendo a vontade de retornar à escola já que pensava que não havia necessidade.

Já no caso das mulheres, a maioria casou-se muito cedo, também por questões financeiras e algumas justificaram que não poderiam participar do projeto por conta dos cuidados com a família (marido e filhos) e dos afazeres domésticos. Fatores recorrentes nas diversas regiões do país em diferentes proporções, segundo o Jornal *online* O Globo (2019) que se baseia em dados de pesquisa nacional do IBGE, reiterando essa questão da seguinte forma:

[...] 23% dos jovens de 15 a 29 anos não estudam e nem trabalham. Percentual é maior entre as mulheres, que apontam afazeres domésticos como principal motivo para deixar o sistema educacional.

Toda essa discussão esclarece o porquê da região Norte do país compor o pior índice de educação, segundo o Jornal A Critica. Com (*Online*, 24/05/2020):

O levantamento revela que a Amazônia brasileira tem um dos piores indicadores do país em educação [...]. Segundo a análise, todos os estados da região Norte encontram-se abaixo da nota média do país no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), da primeira etapa do ensino fundamental (da 1ª a 4ª série).

Foi com base nessas questões que procuramos contribuir de uma forma pequena, mas engrandecedora para a comunidade que nos propusemos a desenvolver este Projeto e apresentá-lo nesta pesquisa, percebendo que a maioria já possuía um aprendizado básico, mas devido o tempo fora da escola, não lembravam o que haviam aprendido, pois disseram achar difícil e perderam o interesse visando o Projeto como uma oportunidade de recomeçar. Tinham como intenção relembrar o que já sabiam podendo corrigir erros de escrita e aprimorar a leitura por meio da prática. Para os que nunca foram a escola, foi uma oportunidade única que como alguns disseram, “nem imaginavam que com idade avançada seria tão maravilhoso aprender a escrever e a ler seu próprio nome” (Relato pessoal)⁹.

Nas primeiras aulas os participantes estavam vergonhosos e logo que conseguimos a confiança deles e se sentiram à vontade, conseguimos fazer com que participassem das aulas oralizando suas dúvidas e contribuindo nas discussões. Inicialmente os conhecemos, soubemos quais as expectativas e quais seus sonhos. A partir da segunda semana de encontros, começamos de fato as atividades onde escolhíamos uma obra da Biblioteca da área de Literatura, principalmente relacionadas ao contexto amazônico, como a obra *Marajó* de Dalcídio Jurandir que possui um “palavriado” conhecido de nossos participantes. Utilizamos também livros que retratavam as lendas da região e fazíamos atividades de reconstrução da história, já que cada participante conhecia uma versão diferente da mesma.

O Projeto passou por algumas dificuldades em relação a material que foram sanadas pela própria equipe a ponto de custear impressões, materiais como lápis, caneta etc. Mesmo com tudo isso, o incentivo era grande quando os participantes chegavam e nos contavam que haviam entendido um comercial de televisão ou que estavam a discutir sobre qualquer assunto em casa. Ainda mais quando se sentiam bem-vindos dentro da Universidade recebendo tratamento igual aos nossos acadêmicos. Essas questões nos mostraram que estávamos no caminho certo. Desta maneira, podemos afirmar que a Biblioteca Professor Ricardo Teixeira de Barros do Campus Universitário de Soure – UFPA, enquanto gestora do conhecimento trabalhou em prol da sua comunidade acadêmica e principalmente, a não acadêmica visando a formação de profissionais habilitados e capacitados para desenvolver trabalhos voltados para o bem-estar social da comunidade em que está inserida e formara leitores através do seu acervo evidenciando sua cultura local.

Entendemos, portanto, que o conhecimento deve ser universal e igualitário, na pluralidade de pensamento visando resultados contínuos através da educação adquirida a partir de suas interações na sociedade. Neste contexto, o Projeto fez com que o processo de alfabetização e letramento ocorresse de forma diferente em cada indivíduo, considerando suas experiências e conhecimentos trazidos em suas bagagens, para que assim pudessemos contribuir com o alcance de determinado nível de conhecimento de acordo com a capacidade cognitiva de aprendizagem de cada um.

4.1 RESULTADOS

⁹ Atividade oral em que a aluna de 59 anos, a qual nunca estudou, relatou a sua felicidade em aprender a escrever seu nome através das atividades do projeto.

A análise dos resultados se deu a partir da observação participante que ocorreu cotidianamente às aulas captando a evolução dos participantes. As duas pessoas que não sabiam ler e nem escrever, concluíram as atividades alfabetizadas. Talvez nem tanto quanto gostaríamos, mas pelo menos sabiam escrever mais do que apenas seu nome e conseguiam interpretar o que estavam lendo e para os que já tinham conhecimento de leitura e escrita conseguiram desenvolver habilidades de concentração, interpretação e crítica.

No decorrer do Projeto conseguimos perceber as lembranças trazidas pelos participantes referentes ao tempo que estavam na escola, quando diziam: *“Eu vi isso na escola, mas não aprendi!”*. (Relato pessoal). Além destes, outros discursos foram significantes em torno do Projeto, como a fala do participante de 45 anos que sonhava em estudar medicina e que se sentia muito feliz em estar dentro da Universidade. Ou da senhora de 28 anos que nos agradecia por poder levar a filha de 6 anos para as aulas pois não tinha com quem deixa-la e pela paciência que era lhe dada ao aprender a escrever e a ler.

O Projeto finalizou com 27 participantes alfabetizados. Claro que não foi possível realizar uma abordagem maior educacional comparado ao trabalho que as escolas desenvolvem, mas a intenção de incentivar o retorno aos estudos e apresentar a importância desse fator para a vida dos participantes a foi o principal objetivo alcançado.

Ao final do projeto, apresentamos os participantes à Universidade onde estes expuseram as suas histórias de vida antes e depois do Projeto e quais eram suas vontades a partir dali. Também, foi apresentado o papel social que a Biblioteca construiu nessa trajetória e como uma pequena ação podia transformar pessoas.

O projeto ficou conhecido na região e foi apresentado em eventos Nacionais de grande porte com a intenção de promover a ideia e apresentar o quanto a região do Marajó necessita de mais visibilidade em suas questões sociais, econômicas etc

A alfabetização por meio da leitura, contribui para a formação do indivíduo como uma atitude positiva, de compreensão, de interpretação e de descoberta e novos caminhos de aprendizagem, edificando um tripé: alfabetização – leitura - cidadania em que se complementam no mesmo objetivo de formar cidadãos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Projeto nos permitiu analisar como a Biblioteca pode e deve ser utilizada como espaço educativo e social. Observamos que ainda há muito a se fazer em prol da Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil, muito mais quando se toma como cenário o Marajó.

Observamos que não basta apenas ir à escola. A escola e os professores têm que oferecer qualidade de ensino e instrumentos capazes de ensinar e não apenas informar. Como bem sabemos, a informação só se transforma em conhecimento quando é transferida e interpretada da maneira correta. De nada adianta palavras se não sabemos formar frases. Saber ler e escrever bem é um direito garantido por lei, mas que na maioria das vezes não se cumpri em regra e é nosso dever enquanto cidadãos de bem e papel da Biblioteca, trazer à tona este conhecimento através de ações voltadas para a comunidade. Ler é importante. Aprender é essencial, mas interpretar é fundamental. A leitura transforma. Liberta. Supri a necessidade do homem em se comunicar e fazer isso bem. Ela é uma das peças fundamentais no processo de alfabetização.

Conhecimento jamais será excesso, ao contrário, é poder, sendo fundamental na construção do senso crítico, ao modo de como nos comportamos na sociedade em que vivemos e como a queremos transformá-la.

Tenhamos em mente que é possível oferecer educação de qualidade em diferentes contextos em diferenciados espaços que tenham consigo um cunho educativo. Aqui, mostramos que a Biblioteca vai além de um “depósito de livros” e muito mais que isso escancarou uma

realidade educacional, que infelizmente muito se discute, entretanto, pouco é feito em prol de melhorias.

Deixamos a reflexão de que independente de público e do contexto, a educação por si só, não é um problema educacional, mas social, político e econômico e que para resolvê-la é obrigação do Estado olhar para todos os lados, a fim de prover condições necessárias para que se possa desenvolver uma educação de qualidade e de direito de todos.

REFERÊNCIAS

ACRITICA. Com. Jornal online. **Estados da região Norte tem o baixo desempenho no IDEB**. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/cotidiano/news/estados-da-regiao-norte-tem-baixo-desempenho-no-ideb>. Acesso em: 19 mar. 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de (1902-1987). **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1995.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil: texto compilado. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Assessoria de Comunicação Social. **Analfabetismo no país cai de 11,5% para 8,7% nos últimos oito anos**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34167>. Acesso em: 20 abr. 2020.

D'ACAMPORA, Daniela Cristina Paulo; MORAES, Mariléia Gollo de. A contribuição da biblioteca no processo de retorno dos jovens e adultos à escolarização na modalidade de educação de jovens e adultos nas escolas de Santo Augusto. *In: Seminário de pesquisa em educação da região sul (IX, 2012)*. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2338/247>. Acesso em: 15 jun, 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – (Coleção Leitura). Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousar ensinar**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José. (Org.). **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta**. São Paulo. Editora Cortez, 2011.

GAZETA DO POVO. **Infográficos – Taxa de analfabetismo no Brasil por estados**. 16 jul 2019. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-no-brasil-por-estados>. Acesso em: 20 dez. 2020.

GIUBILEI, S. (Org.). **Abrindo diálogos na educação de jovens e adultos**. São Paulo: Secretaria Estadual de Educação/CENP, 2005. v. 1. 130 p.

JOLIBERT, Josette. **Formando crianças leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

JORNAL O GLOBO. **IBGE: 23% dos jovens de 15 a 29 anos não estudam e nem trabalham**. Por Paula Ferreira, 19/06/2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/ibge-23-dos-jovens-de-15-29-anos-nao-estudam-nem-trabalham-23748808>. Acesso em: 23 maio 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEAL, Telma Ferraz; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Arthur Gomes. (Org.). **Alfabetizar letrando na EJA: Fundamentos teóricos e propostas didáticas**. Belo Horizonte. Autêntica Editora, 2010.

LEITE, Sandra Fernandes. **O direito a educação básica para jovens e adultos da modalidade EJA no Brasil: um resgate histórico e legal**. 2013. 352 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250841>. Acesso em: 22 abr. 2020.

MENDONÇA, S. G. L.; SILVA, P.S. **Extensão Universitária: Uma nova relação com a administração pública**. Extensão Universitária: ação comunitária em universidades brasileiras. São Paulo, v. 3, p. 29-44, 2002.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 107 p.

OLIVEIRA, Cláudia Hochheim. Qual é o Papel da Extensão Universitária? Algumas Reflexões Acerca da Relação entre Universidade, Políticas Públicas e Sociedade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2, 2004, Belo Horizonte **Anais**. Belo Horizonte: UFRGS, 2004, p. 1-6. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/WORD/Gestao15.doc>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PACHECO, Agenor Sarraf. Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In) tolerâncias Religiosas. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr./ jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/126>. Acesso em: 20 dez. 2020.

PARÁ. GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ. Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará – FAPESPA. **Diagnóstico Socioeconômico e ambiental da Região de Integração do Marajó**, 2016. Disponível em:

http://seplan.pa.gov.br/sites/default/files/PDF/ppa/ppa2016-2019/perfil_regiao_marajo.pdf. Acesso em: 30 jan 2021.

PEREIRA, José Varella. Cultura Marajoara. Analfabetismo no Marajó é a ponta invisível do 'apartheid' social que o IDH acusa. **Gente Marajoara (Blog)**. Cidade. 06 jul 2014. Disponível em: <http://gentemarajoara.blogspot.com/2014/07/analfabetismo-no-marajo-e-ponta.html>. Acesso em: 20 dez 2020.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.

SOUZA, Nilo. Experiências literárias e o processo de formação de novos leitores. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 08-21, maio/ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818372017008>. Acesso em: 20 ago 2020.

TAVARES, Maria das Graças Medeiros. **Extensão universitária: novo paradigma de universidade?** Maceió: UFAL, 1997.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-Ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.